

Portugal 2010: diversificação e recomposição dos destinos emigratórios

UMA ANÁLISE DOS PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO, com excepção da França, para a qual não é possível obter dados sobre os fluxos anuais, mostra que não só a Europa não é o único destino relevante da emigração portuguesa, como mesmo dentro deste ocorreram alterações. Na verdade, a emergência de Angola como destino crescente da emigração portuguesa após 2005/2006 é o melhor exemplo do processo actual de recomposição relativa dos destinos da mobilidade internacional de portugueses, que podem tirar partido de países emergentes, com taxas de crescimento económico elevadas, nomeadamente aqueles que têm o português, o espanhol ou inglês como línguas oficiais e que manifestam carências ao nível de mão-de-obra com qualificações intermédias (ou mesmo elevadas) em sectores como a construção civil, as obras públicas ou o turismo.

“**Perante esta inevitabilidade da emigração, pelo menos no curto-médio prazo, o desafio coloca-se ao nível do modo como esta deve ser incorporada nas políticas internacionais.**”

Mas esta recomposição dos destinos emigratórios dos portugueses também ocorreu na própria Europa, emergindo entre inícios do presente decénio e a crise de 2008, a Espanha (principal destino dos fluxos de portugueses) e o Reino Unido, como espaços muito atractivos para os oriundos de Portugal. Nestes casos, contudo, as qualificações dos portugueses parecem assumir um carácter assimetricamente dicotómico, uma vez que a percentagem relativa elevada de activos a desempenharem profissões muito qualificadas (quase 20% no Reino Unido; cerca de 11% em Espanha) é contrabalançada pelo valor relativo ainda mais elevado daqueles que desem-

penham actividades não qualificadas (23,5 e cerca de 26%, respectivamente). Dos destinos europeus mais tradicionais, a Suíça, 2.º maior receptor de fluxos de portugueses, assume destaque, para além do Luxemburgo (e, em menor grau, Andorra) que, dadas as suas dimensões demográfica se têm de considerar destinos relevantes da actual emigração portuguesa. Já a França – apesar da carência de informação – e a Alemanha, que no período mais intenso das obras públicas de reconstrução dos estados da antiga República Democrática Alemã, chegou a ser um dos dois ou três principais destinos dos portugueses, perderam algum do protagonismo de outrora.

Em síntese, a emigração portuguesa apresenta números com significado, ainda fornece contributos relevantes para o PIB nacional, apesar do ligeiro decréscimo observado após 2007 e que tem de ser atribuído às consequências da crise económica em muitos dos principais lugares de destino (2.588,5 milhões de euros em 2007; 2.281,9 em 2009, que correspondiam a cerca de 1,4% do PIB) e, apesar de continuar a utilizar as redes sociais já existentes em muitos países (Suíça, Luxemburgo, Andorra, França...), evidenciou um processo de recomposição que tira partido, em simultâneo, das proximidades

	França	Luxemburgo	Espanha	Reino Unido
Quadros superiores do público e privado e dirigentes	3,4	2,6	7,1	12,1
Profissões intelectuais e científicas	2,0	1,4	3,6	7,4
Pessoal dos serviços e vendedores	2,9	8,8	17,3	26,7
Operários e afins	51,4	34,1	23,8	5,7
Trabalhadores não qualificados	8,4	32,9	23,5	25,9
Percentagem de pop. com ensino superior	4,1	2,9	7,5	19,3
Percentagem de mulheres	48,7	47,2	51,7	50,8
Percentagem de pop. 15-24 nos maiores de 15	3,8	14,3	11,1	17,4

Elementos comparativos dos stocks de emigrantes portugueses em 2000.

Fonte: OECD - DIOP - Database on Immigrants in OECD countries.

geográficas e histórico-culturais (Espanha; Angola) e das dinâmicas económicas regionais num quadro de globalização e de facilitação das mobilidades à escala global.

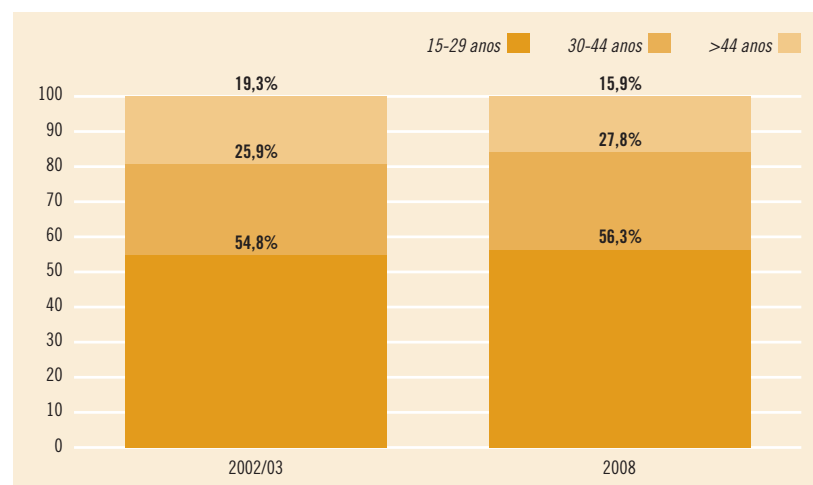
A diversificação do perfil do emigrante português

Adicionalmente, os perfis dos emigrantes portugueses parecem estar a sofrer alterações – as modificações estruturais no perfil das qualificações dos cidadãos nacionais associadas ao crescimento do desemprego entre os jovens, muitos dos quais qualificados, contribuem para o ligeiro rejuvenescimento e a diversificação dos tipos de “emigrante português”. Hoje, embora prevaleça a sobremasculinização dos fluxos, a presença das mulheres é crescente, ultrapassando os 40% nos dados avançados pelo INE para 2008. Quanto aos modos de inserção profissional, para além das diferenças associadas às características e oportunidades dos mercados de trabalho

dos vários destinos, verifica-se a existência de uma componente vulnerável relevante, com baixos níveis de instrução, que se insere nos segmentos não qualificados do mercado de trabalho e, também, de uma componente com qualificações médio-baixas e intermédias que, nos países de destino mais recentes (Espanha e, sobretudo, Reino Unido), está muito mais presente no sector dos serviços do que nos países de emigração antiga (França, Luxemburgo), onde a construção civil e, em menor grau, a indústria transformadora são dominantes. Para além destas, é crescente a presença de emigrantes qualificados nos novos destinos, o que atesta uma nova face da emigração portuguesa. Embora seja simplista falar de uma “fuga de cérebros”, já em 2000, Portugal aparecia como o 3.º país da UE com maior taxa de emigrados entre os licenciados (13%)¹, sendo cada vez mais significativo o número de jovens altamente qualificados que, no quadro de qualquer das etapas da fileira formação pós-graduada-projecto/estágio-inserção no mercado de trabalho, não regressam ao país. Por outro lado, o prolongamento da situação de estagnação económica com sistemático crescimento do desemprego, associado aos elevados níveis de precarização do trabalho e à lenta reconversão de um modelo produtivo tradicionalmente assente em mão-de-obra intensiva e barata poderão acentuar mais ainda o número de saídas e, sobretudo, coarctar o eventual “vaivém” dos qualificados.

E o futuro? Da emigração como drama à emigração como mais-valia...

Atendendo aos cenários de evolução da economia portuguesa que têm sido traçados para os próximos anos, a emigração portuguesa não tenderá a reduzir-se, sendo



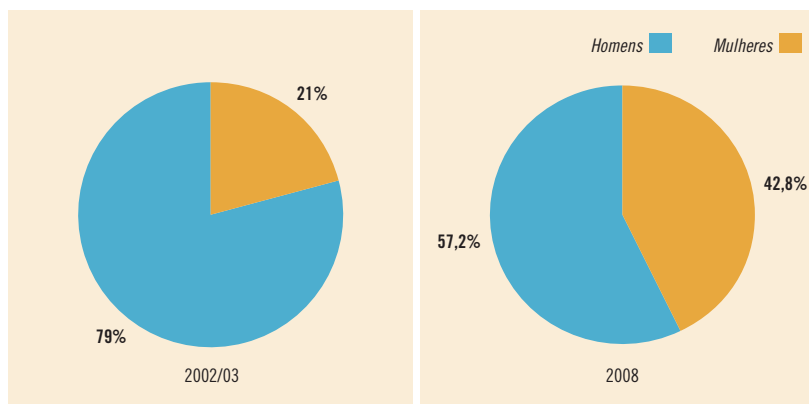
Estruturas etárias dos fluxos de portugueses (02/03 e 08/09).

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 2010.

mesmo muito provável que se acentue no curto prazo, designadamente no quadro da livre circulação comunitária, sobretudo se alguns dos estados onde já existem redes migratórias lusas recuperarem da crise num prazo mais curto do que Portugal e se outros países com os quais as ligações socioculturais são intensas mantiverem ou acelerarem os seus ritmos de crescimento económico e modernização, como é o caso de Angola ou mesmo do Brasil. Adicionalmente, outros países emergentes podem vir a tornar-se destinos de emigração qualificada e técnica, como é o caso da China, designadamente se alguns factores facilitadores se vierem a conjugar (reforço dos investimentos recíprocos, maior número de jovens a aprender mandarim, melhor aproveitamento de Macau como porta de entrada na China). Por último, destinos tradicionais distantes menos afectados pela crise (*e.g.* Canadá) podem também ser reactivados, para além de ser previsível que o quadro de circulação migratória (prática de períodos de trabalho temporário em diversos destinos) de muitos profissionais portugueses não só se mantenha, como se possa mesmo acentuar.

A dupla diversificação da emigração portuguesa

Em termos de fluxos, as expectativas apontam para valores anuais relativamente elevados em termos absolutos (entre 75 e 100.000), que correspondem a cerca de 1,3-1,8% dos activos



Composição por sexos da emigração portuguesa 2002/03 e 2008.
Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 2003, 2004 e 2010.

portugueses, com uma componente crescente de qualificações intermédias e elevadas (se bem que não necessariamente dominante), muitos deles com um carácter marcadamente temporário, o que significa uma alternância ao longo do ano entre Portugal e destinos externos. Sumariamente, a curto prazo, parece estar-se perante uma tendência para a dupla diversificação – i) a dos destinos migratórios, mitigada pelo facto de as redes sociais dos portugueses actuarem como propulsores de movimentos para destinos tradicionais; ii) a dos perfis dos emigrantes, atenuada pelas qualificações relativamente baixas dos indivíduos mais velhos².

Embora estes valores possam, num primeiro olhar, ser entendidos como algo quase dramático, no fundo uma perda económica (em termos de mão-de-obra) e demográfica

para o país, tal como aconteceu nos anos 60 e início de 70 do século passado, tal interpretação deve ser sujeita a uma análise mais profunda. Efectivamente, os contextos de globalização e integração europeia marcam hoje uma situação completamente distinta da que se verificava há 40-50 anos atrás, o que significa que economias pequenas, abertas e periféricas como a portuguesa estão inevitavelmente sujeitas a posicionar-se enquanto receptoras e emisoras de mão-de-obra, no quadro do reforço das interdependências económicas e da mobilidade internacional da mão-de-obra, sobretudo no espaço de livre circulação, mas não apenas neste.

Perante esta inevitabilidade da emigração, pelo menos no curto-médio prazo, o desafio coloca-se ao nível do modo como esta deve

ser incorporada nas políticas internacionais. Se a opção passar por um “disfarçar” dos fluxos (porque emigração significa atraso; porque é uma evidência do crescimento do desemprego, etc.), relegando-os para a periferia da agenda política e não criando as condições necessárias para uma circulação de qualidade (valorização das remessas financeiras, mas também das mais-valias associadas à experiência e reforço das qualificações dos jovens emigrantes; efectivação de acordos entre empresas e centros de investigação portugueses e estrangeiros que tenham emigrantes como ponte; manutenção de serviços consulares que garantam uma assistência eficaz às comunidades; efectivação de acordos bilaterais ou multilaterais ao nível da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa sobre movimentos migratórios...), então a perda pode ser significativa. Se, pelo contrário, a emigração ocupar um lugar visível na agenda política – o que significa conferir-lhe, igualmente, respeito e valorização social no espaço público –, assumindo Portugal que há uma importante “nação móvel” que pode contribuir para o desenvolvimento do país, então os emigrantes poderão constituir-se como uma mais-valia para o difícil processo de recuperação económica e, sobretudo, de recomposição da autoestima nacional. ■

* *In memoriam* de Maria Ioannis Baganha, investigadora notável da área das migrações e, sobretudo, uma verdadeira amiga.

O PERFIL CONTEMPORÂNEO DOS EMIGRANTES PORTUGUESES: DAS MALAS DE CARTÃO ÀS MALAS DE COURO ACOMPANHADAS POR PASTAS DE EXECUTIVO E SACOS DESPORTIVOS

O emigrante português contemporâneo tende a inserir-se mais no quadro dos fluxos temporários do que definitivos, é essencialmente jovem (mais de 55% têm menos de 30 anos) e predominantemente do sexo masculino, embora as mulheres já representem mais de 40% dos fluxos. Os indivíduos com níveis de instrução baixos ou médio-baixos ainda parecem ser os mais numerosos, o que conduz a formas de inserção profissional em segmentos pouco qualificados da indústria transformadora ou da construção civil. Contudo, é crescente o número de jovens com níveis de instrução médios e elevados que está a emigrar, o que se reflecte numa maior presença no sector do comércio e serviços e, também, nas profissões mais qualificadas (comparem-se, no quadro 2, as percentagens de quadros superiores e profissionais científicos + técnicos nos países de emigração mais antigos – França e Luxemburgo -, onde não ultrapassam os 6%, com as percentagens dos mesmos grupos profissionais em Espanha – cerca de 11% – e no Reino Unido – quase 20%). Esta diversificação nos perfis, mais jovens, mais mulheres, mais qualificados, tem sido acompanhada por modificações nos destinos principais. Desde o decénio de 90 do século XX que o Reino Unido se afirmou como um destino preferencial na UE, tendo a Espanha emergido como o principal receptor já na presente década (média anual de quase 18 000 emigrantes portugueses entre 2005 e 2009). Dos países tradicionais de emigração, a Suíça continua a ser um espaço fundamental (média anual para o período referido um pouco acima das 14 000 pessoas), detendo algum significado os fluxos direccionados para Alemanha, Luxemburgo, Andorra, Bélgica e Holanda, ainda que muito inferior ao observado no caso helvético.

Fora do espaço europeu, foi o crescimento económico de Angola e o seu processo de modernização que mais atraíram fluxos emigratórios de portugueses, sobretudo a partir do momento – após 2007 – em que a crise económica veio atenuar as saídas para destinos como a Espanha.

Notas

¹ PIRES, R.P. (coord.) (2010) — *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*. Lisboa: Tinta da China, p.94.

² Segundo o INE, em 2008, os maiores de 44 anos ainda representavam cerca de 16% do fluxo.

Este texto está publicado, na íntegra, na revista JANUS.NET, *e-journal of International Relations*, Vol. 2, n.º 1 (Primavera 2011). Disponível em: http://observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_not3